

Arranque em grande de uma edição especial com concertos da Orquestra Angrajazz e do quarteto de Camilla George.

AngraJazz'24 — Dia 1: d'aquém e d'além-mar



Texto: João Morado

Fotografia: Rui Caria

Publicado a: 03/10/2024

Começou ontem, 2 de outubro, uma nova edição do **AngraJazz – Festival Internacional de Jazz de Angra do Heroísmo**, um histórico certame português que este ano celebra a sua vigésima quinta edição. Organizado anualmente na ilha Terceira desde 1999, o festival transforma o auditório semi-circular do Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo num grande clube de jazz no meio do Atlântico. Ao longo das suas edições, tem recebido nomes maiores do jazz português, europeu e norte-americano, estabelecendo uma importante ponte transatlântica, fundamental para unir a música de vários continentes. Os números apresentados no guia do festival são impressionantes: no AngraJazz já aconteceram

161 concertos e por lá já passaram 710 músicos, dos quais 223 são portugueses (105 açorianos) e 487 estrangeiros. Dados reveladores de uma longevidade e vitalidade que não podem senão ser enaltecidas.

Por se tratar de uma edição especial de vinte e cinco anos, o festival conta em 2024 com mais um dia do que o normal. Além dos habituais concertos no auditório, está a decorrer paralelamente o Jazz na Rua, que leva o jazz e a música improvisada a toda a população da cidade de Angra do Heroísmo. No contexto desta iniciativa, assistimos a um concerto do **Wave Jazz Ensemble** na Praça Velha (29 de setembro), em que o quinteto apresentou interessantes arranjos de *standards*, proporcionando um agradável fim de tarde conduzido por talentos locais.

No dia 1 de outubro, o quarteto liderado pelo saxofonista alto **Ricardo Toscano** encheu o largo à frente da Pastelaria Central, oferecendo um concerto que evidenciou a excelente forma do grupo. O saxofone de Toscano continua a destacar-se como uma das grandes vozes do jazz contemporâneo; os solos de **João Pereira**, depurados à essência do ritmo, foram uma verdadeira lição de bom gosto; o contrabaixo de **Romeu Tristão**, irrequieto e mordaz, revelou-se uma força vulcânica; e o pianismo de **João Pedro Coelho** — cujo último disco, ***Crónicas***, tem sido amplamente elogiado em conversas nos últimos dias e merece aqui a nossa recomendação — constituiu uma surpresa sublime.

Para culminar, as noites têm sido preenchidas por *jam sessions* na Casa do Sal, que se tem tornado um palco de encontros efusivos, reunindo músicos das várias formações que integram o cartaz do festival.

[O papel do *swing* na construção do belo]

Coube à Orquestra AngraJazz a honra de abrir a vigésima quinta edição do festival. Prata da casa para celebrar as bodas de prata — tudo em harmonia. “A menina dos olhos” da Associação Cultural AngraJazz, como orgulhosamente destacou José Ribeiro Pinto, membro da direção da associação, no discurso de abertura, foi formada em 2002 sob a direção musical de Pedro Moreira e Claus Nymark. Desde então, a orquestra tem funcionado como uma verdadeira “escola de jazz” nos Açores, responsável por formar e aperfeiçoar várias gerações de músicos do arquipélago na linguagem jazzística.

Numa noite repleta de emoções, sob a batuta do maestro Pedro Moreira, que sabiamente conduziu a orquestra e entreteve exemplarmente o público com histórias e curiosidades sobre o repertório apresentado, a Orquestra AngraJazz lembrou uma verdade amiúde esquecida: o papel que o *swing* pode ter na construção do belo. Acompanhada pelo saxofonista alto **Perico Sambeat**, apresentado por Moreira como um dos melhores músicos com quem já trabalhou — elogios que o espanhol, aliás, não deixou por mãos alheias, brindando o público com uma série de solos ágeis e inspirados, baseados num saxofonismo melíflu e suave —, a Orquestra AngraJazz tocou e encantou, materializando uma bolha de magia sonora além-mar, a fazer lembrar os melhores *ensembles* de Kenny Wheeler.

Convocando nomes incontornáveis do jazz como Miles Davis, Billy Strayhorn, Dave Brubeck e Wayne Shorter para um repertório de arranjos originais que também incluiu o melhor da música para cinema, assinada por compositores como Henry Mancini, o grupo mostrou-se intensamente dinâmico e com uma ampla plasticidade para assumir geometrias variáveis — ora evocando a força do coletivo, ora reduzindo-se a “micro” formações de apenas alguns elementos —, dando assim resposta às exigências interpretativas dos temas selecionados. Às composições retiradas das várias eras dos bops visitadas ao longo do concerto, juntaram-se também clássicos como “A Sleepin’ Bee” e o bolero “Muñequita Linda”, belamente arranjados por Sambeat.

Numa orquestra que se mostrou sempre coesa nos arranjos e bem entrosada nos diálogos, os metais e os sopros foram uma fonte constante de envolventes harmonizações e deliciosos contrapontos texturais. Foi também desta “massa” que brotaram alguns dos melhores solos da noite, incluindo alguns dos mais exigentes, como os protagonizados pelo saxofone barítono de José Pedro Pires e pelo trombone de Claus Nymark. A secção rítmica, com Paulo Cunha (contrabaixo), Casimiro Ribeiro (guitarra) e Nuno Pinheiro (bateria), foi igualmente uma pedra basilar, revelando um rigor e uma assertividade irrepreensíveis, e o pianismo de Antonella Barletta uma expressão de paisagens oceânicas, ora revoltas, ora mansidas. Se dúvidas houvesse acerca da importância de um apoio institucional contínuo a causas como esta, vale a pena recordar, parafraseando palavras proferidas ao longo da noite, que o AngraJazz é mais do que um festival — é uma causa pública. E a Orquestra AngraJazz, absolutamente essencial para a música do Atlântico, um dos átomos fundamentais desse arranjo molecular chamado Associação Cultural AngraJazz. Este concerto assim o provou.

[Jazz e afrobeat entre ilhas e continentes]

E ao jazz d’aquém-mar da Orquestra AngraJazz seguiu-se o d’além-mar do quarteto de **Camilla George**. A saxofonista e compositora, nascida na Nigéria, é uma das grandes vozes do saxofone alto da atualidade e um dos talentos que emergiram do jazz britânico na última década. De Londres, trouxe consigo na bagagem três álbuns de estúdio — ***Isang*** (2017), ***The People Could Fly*** (2018) e ***Ibio-Ibio*** (2022) —, trabalhos muitíssimo recomendáveis que denotam uma evolução constante e a construção de uma musicalidade única e genuína, na qual o afrobeat de Fela Kuti se funde ao bop de Charlie Parker, ao mesmo tempo que se inspira nas batidas sincopadas de J Dilla, na eloquência do sopro de Jackie McLean e nas tradições e raízes dos Ibíbios.

Num concerto em que se fez acompanhar pelas teclas e voz de Renato Paris, pelo baixo elétrico de Jihad Darwish e pela bateria de Zoe Pascal, o quarteto de Camilla apresentou um espetáculo competente, com um alinhamento baseado maioritariamente nos dois últimos álbuns da saxofonista. Contudo, sentiu-se uma entrega algo “maquinal”, talvez devido à menor rodagem desta formação específica. No início deste ano, vimos Camilla George a tocar acompanhada por uma secção rítmica diferente, com Rod Youngs na bateria e Daniel Casimir no contrabaixo, num concerto em que a artista se mostrou mais solta, além de ter

prestado muito mais atenção em enquadrar e fornecer contexto em relação ao seu — muitíssimo interessante! — universo musical.

Não que a saxofonista não tenha argumentos musicais para dar e vender: a sua articulação no alto é maravilhosa, a sua energia contagiante e as composições celebratórias. No entanto, o desconforto provocado no quarteto por alegadas imperfeições na monição — completamente despercebidas para quem estava na plateia — poderá ter limitado o potencial de um concerto que tinha tudo para transcender de forma mais acutilante no imaginário simbólico ali tão presente. Afinal, a música de Camilla George é também ela feita de Atlântico, esse mesmo oceano que serviu de estrada para o abominável comércio de seres humanos, que perpetuou a escravatura durante séculos e alimentou o colonialismo — temas tão relevante para a saxofonista —, é ainda uma ferida aberta na alma de muitos, propagada sob a forma de trauma intergeracional.

Ainda assim, há a destacar a voz de Renato Paris, capaz de criar algum do *scat* mais *groovy* que sai atualmente do Reino Unido, a capacidade rítmica de Zoe Pascal — jovem músico português, membro de grupos como Zeñel — que é um talento emergente a ter em conta, e os pulsares gingados de Jihad Darwish que muito contribuíram para o balanço da locomotiva.

Está aberta a vigésima quinta edição do Festival AngraJazz — e que bem que o jazz soa na Terceira.

A beleza do ontem no agora.

AngraJazz'24 — Dia 2: fazer história a revisitar a história

Texto: Gonçalo Oliveira

Fotografia: Rui Caria

Publicado a: 04/10/2024



O tempo passa mais devagar nos Açores. Há qualquer coisa na sua beleza natural e no clima húmido que nos faz desacelerar. Na ilha Terceira, mais concretamente em Angra do Heroísmo, nem parece que está a decorrer um dos mais emblemáticos festivais de jazz do país, tal é a calma que se sente ao longo dos dias e, principalmente, à noite, quando não se vê praticamente viva alma pelas ruas. É preciso ir ao epicentro deste tremor de terra que é o **AngraJazz**, no Centro Cultural e de Congressos, para nos darmos realmente conta de que aqui também há muita vida — e em tons de azul. As gentes locais aperaltam-se e há quem, como nós, venha de fora para se misturar por entre a leveza da povoação. Algo vibra aqui para além das placas tectónicas, tudo isso graças à força que a música tem para mover as massas. Ao segundo dia do festival insular, a sala de espetáculos fez-se praticamente lotada para receber talentos nacionais e internacionais de uma das correntes artísticas mais

ancestrais do último século. No final, todos nos levantamos dos lugares para aplaudir de pé, sinal de que o jazz está bem vivo e com a força necessária para continuar a ser uma linguagem relevante ao longo de muitas mais gerações.

E não há nada melhor do que arrancar um serão ao som de um espectáculo que quase sabe a inédito, dada a sua raridade, e logo envolvendo dois grandes mestres do piano da esfera nacional. **Mário Laginha** e **João Paulo Esteves da Silva** colaboram há largos anos — há mais de três décadas — em diferentes projectos, tocam composições um do outro e nutrem um respeito mútuo pelo trabalho de cada um, eles que se foram agigantando ao leme do emblemático instrumento de teclas, martelos e cortas desde os anos 90 e criando uma reputação que extravasa os domínios nacionais. Chegaram até a assumir um dueto, que segundo nos revelou Esteves da Silva durante o almoço de ontem, 3 de Outubro, resultou num disco que nunca viu a luz do dia e em pontuais aparições em palcos, a última das quais já remonta há mais de 20 anos.

A orgaização do AngraJazz foi ousada ao desafiá-los a reactivar este combo a quatro mãos, inscrevendo assim mais um belo pedaço de história no seu longo trajecto. Foi sob uma grande ovação que os dois músicos entraram em cena e, antes de se sentarem num frente a frente, ensaiaram as primeiras notas fazendo uso às tampas abertas, percutindo as cordas com as mãos. Era a introdução de “Samba Leve”, uma composição inédita de João Paulo Esteves da Silva, que os levou a sentarem-se de seguida para tocarem os respectivos pianos da forma tradicional, fazendo recurso total da sua incomparável técnica e precisão de dedos naquele que foi um belo diálogo musical de cerca de uma hora. Pode até parecer estranha a ideia de que uma formação dentro destes moldes — sem uma bateria ou um baixo — consiga *groovar* e fazer-nos dançar nas nossas cadeiras, mas os dois pianistas sabem bem como espremer o lado percussivo daquele que é um dos instrumentos mais clássicos e completos da história da arte que se expressa através do som.

O tempo que passou desde que colocaram este dueto num hiato não se fez sentir na sinergia em palco. João Paulo Esteves da Silva e Mário Laginha estiveram sempre cirurgicamente coordenados, como as engrenagens de um relógio suíço, fosse a tocar as mesmas notas em conjunto, a completar os fraseados um do outro quando a música pedia duas vozes ou a segurar as bases rítmicas e harmónicas quando chegava a altura de um deles solar.

Revelando algumas histórias dos temas que interpretaram pelo meio, a dupla recorreu, sobretudo, a composições originais — de “Adeus América” e “Certeza” (ao qual Laginha se referiu como sendo o “grande *standard* do jazz português), ambos de Esteves da Silva, até “Jaamm Rek” e “Fado Choro”, que levam a assinatura de Laginha —, tendo também recriado o clássico “Mack the Knife” e a canção tradicional açoriana “Olhos Negros”. Perante uma enorme onda de aplausos à despedida, os músicos regressariam ao palco para devolver o apreço com mais um tema.

Depois de termos sido embalados pela beleza dos dois pianos, estava estabelecida uma fasquia bem alta para a segunda e última apresentação da noite. Esse momento estava

reservado ao quarteto liderado por Catherine Russell, premiada cantora de Nova Iorque que se iniciou enquanto vocalista secundária em inúmeros projectos — acompanhou, por exemplo, gente como Madonna, David Bowie ou Cyndi Lauper em estúdio e em palco — cuja carreira a solo despontou apenas após a viragem para o presente milénio. A idade, 68 anos, causava algum receio quanto àquela que poderia ser a sua prestação em cima do palco, mas bastou soltar a primeira nota para nos fazer perceber que estávamos perante alguém com um conjunto de cordas vocais seguríssimo e do mais afinado que se escuta por aí. Filha de dois músicos — Luis Russell e Carline Ray, a quem pediu emprestado um par de temas para este concerto —, não nos espanta o porquê de Catherine Russell ser uma das vozes mais aclamadas do jazz da actualidade, mas não deixamos de sentir que a sua performance é uma autêntica viagem ao passado numa máquina do tempo.

Esta ideia da música trazida pela cantora ser algo datada não tem, no entanto, de ser algo obrigatoriamente mau. Apesar de termos as antenas mais orientadas para frente do que para trás, não há como ignorar uma performance quando esta roça o irrepreensível. As canções trazidas para o AngraJazz são antiquíssimas, todas elas criadas entre as décadas de 1930 e 1950, mas a artista em evidência e os músicos que a acompanham interpretam-nas com altos índices técnicos e uma sensibilidade que nos leva mesmo a crer que, por momentos, nos sentámos num qualquer bar de jazz de outros tempos a escutar um daqueles nomes consagrados que sabemos que nunca teremos a oportunidade de ver ao vivo. Partindo sempre das composições de outros artistas, Russell explica-nos que gosta de ir aos arquivos “desenterrar” um tipo de peças que, na grande maioria das vezes, passam despercebidas do público. Nat King Cole, Billie Holiday, Ray Charles, Count Basie e Hot Lips Page foram alguns dos mais agigantados compositores que revisitou na segunda noite do AngraJazz, não se deixando limitar por criativos da esfera jazz e indo também buscar matéria prima aos campos da country e do R&B, em torno das quais depois esculpiu verdadeiros monumentos sonoros mais à imagem do seu tipo de som.

Roy Dunlap foi o pianista de serviço e foi sempre incansável na magia que espalhou pelas teclas na sua função de edificar o sistema harmónico de cada faixa, embora nem sempre soasse igualmente genial quando era chamado para solar. No contrabaixo, os dedos de Tal Ronen eram como pulgas saltitonas a *groovar* sobre as cordas metálicas, aplicando uma camada adicional de ritmo, esquivando-se da monotonia de ser um mero acompanhante e participando muito activamente na criação da paisagem musical que tínhamos diante nós. A grande surpresa foi o “caçula” da banda, Domo Branch, alguém que parecia tratar a bateria como se uma extensão do seu corpo de tratasse, mostrando ainda ser o mais tecnicista de todos os presentes, conseguindo arrancar toda uma panóplia de diferentes sons a partir de cada elemento do seu kit — e aqui até actuou limitado pela estética do jazz de Catherine Russell, pois na noite anterior tínhamos testemunhado o verdadeiro leão que há em si quando voou livre numa *jam session* que decorreu num bar nas redondezas.

A aventura continua hoje com dois projectos internacionais: Vijay Iyer Trio e Ben Rosenblum
Nebula Project.

Showcase à morfologia do jazz.

AngraJazz'24 — Dia 3: infinitos tons de azul

Texto: [Gonçalo Oliveira](#)

Fotografia: Rui Caria

Publicado a: 05/10/2024



Quantos tons pode o azul do jazz ter? Esta é uma pergunta à qual o presente não nos consegue dar resposta, dados os avanços constantes que, ano após ano, continuam a conseguir fazer gerar novas formas de comunicar este tipo de música tão belo e versátil, capaz de adoptar referências sonoras dos quatro cantos do globo sem nunca perder a sua essência. Foi dentro deste espectro que analisámos as duas prestações ao vivo que ontem (4 de Outubro) decorreram no Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo, no âmbito do terceiro dia do [AngraJazz](#).

Um dos mais celebrados pianistas e compositores da actualidade, [Vijay Iyer](#) e o seu trio foram os primeiros a subir ao palco. Detentor de influências várias — desde os grandes mestres Duke Ellington e Thelious Monk às tradições asiáticas e africanas —, o músico de Nova Iorque tem vindo a estabelecer uma frutuosa carreira que já conta com mais de duas dezenas de entradas na sua discografia, às quais se juntam ainda um infindável número de

parcerias, algumas mais inesperadas do que outras, de Arooj Aftab e Kassa Overall aos Das Racist — recentemente participou num álbum de Heems, *VEEN* (2024), MC do colectivo de hip hop.

De todas essas experiências, sai-lhe da cabeça e das mãos uma linguagem jazz contemporânea muito assente na liberdade e completamente descolada da tradição. E sua música é idílica e transmite-nos uma sensação de paz absoluta, como se de um sonho acordado se tratasse. Mas essa característica mais contemplativa não retira em nada à componente tecnicista da sua performance. Iyer trata o piano por “tu” e este não lhe reserva quaisquer segredos. Os seus dedos deslizam pelas teclas com uma graciosidade que tanto pode ser veloz como mais lenta, só não faz disso um factor decisivo para vestir ou despir o *groove* das suas composições — ele está sempre lá, pode é não se mostrar de forma tão evidente, antes convidando a um mergulhar profundo pelas ondas sonoras que pairam diante nós.

Compassion é o título do seu mais recente álbum, um termo que, na verdade, poderia servir de nomenclatura para quase toda a sua obra, tal é o cariz de sensibilidade humanística das suas harmonias e melodias. Ainda assim, faz sentido que só agora tenha escolhido tal palavra, numa altura em que a violência entre povos está constantemente na ordem do dia e é um assunto ao qual, como praticamente todos nós, Iyer não é indiferente. Uma das músicas que interpretou serviu mesmo de homenagem directa a um poeta que perdeu a vida no meio de um desses conflitos. Não seria nada mal pensado pegar neste conjunto de músicos e colocá-los a interpretar esta música numa dessas frentes de guerra, querendo acreditar na utópica ideia de que esta pode servir de catalisador para a paz e o ingrediente em falta para que cada um dos lados de uma barricada se chegue à frente para um aperto de mãos que, finalmente, coloque todo o ódio para trás das costas.

Esta serenidade e tranquilidade que nos são transmitidas pelas suas criações são também um reflexo da postura dos três músicos dispostos em palco. Sente-se a milhas o profundo entendimento do trio com a música que tinham em mãos para tocar. Há bases estabelecidas que têm de ser respeitadas, mas há também muita margem para ganhar asas e voar dali para fora por momentos, uma liberdade que nos faz sentir que cada concerto de Vijay Iyer nunca é igual ao outro. Acompanhado por dois jovens talentos — Nick Dunston (contrabaixo) e Jeremy Dutton (bateria) —, que apelidou serem “dos melhores entre os melhores da sua geração”, o pianista conduziu um concerto com poucas paragens, deixando a música “falar por si” — justificação dada para as poucas intervenções ao microfone — e permitindo que os temas fossem mutando para se colarem uns nos outros, tentando pegar nas ideias do final de cada faixa e transformá-las no que poderia sugerir o início da próxima.

Apesar do estado de espírito *zen* que a sua arte evoca, houve um *suspense* que se instalou durante largos minutos, quando Dunston “esbofeteava” as cordas do contrabaixo num transe absoluto que o levou a níveis acrescidos de entusiasmo e, por consequência, ao desprender do fio metálico com o som mais grave do seu instrumento. Durante mais de 10 minutos, todos

os olhares estavam presos naquele que é o elemento com menos rotação dentro deste trio, que se recusou a baixar os braços e a interagir com os colegas fazendo apenas recurso das outras três cordas que lhe sobravam. Sem nunca parar de emitir novos sons, procurava encaixar novamente a corda solta sempre que os movimentos lhe permitiam, de modo a não deixar a música despida dos seus graves. Um ajuste aqui, outro ali, afinar ao máximo para voltar a criar a tensão necessária para manter o fino cabo no lugar e, aos poucos, o seu contrabaixo voltava a ficar completo. Impressionante a forma como Dunston lidou com o contratempo, fazendo sempre sinal ao seu *bandleader* que tinha a situação sob controle. À primeira paragem que se deu após esse momento, o próprio Vijay Iyer pareceu admirado com a calma do seu pupilo — “Ele teve um contratempo mas conseguiu encontrar alternativas. Dêem-lhe uma salva de palmas”, pediu. Pareceu um daqueles jogos de futebol em que a bola se recusa a entrar na baliza, impróprios para cardíacos, com o golo a chegar apenas no último minuto da compensação. Foi belo de assistir.

Depois do conjunto do músico de ascendência indiana se retirar, foi tempo para um breve intervalo, enquanto a equipa técnica montava no palco todos os instrumentos necessários para aquela que foi uma das formações mais numerosas deste AngraJazz. São sete os “actores” que dão vida ao **Ben Rosenblum Nebula Project**, que foi, provavelmente, um dos maiores segredos que esta edição do festival nos reservava. O *ensemble* norte-americano é composto por jovens instrumentistas ainda à procura de notoriedade, mas já se apresentam como uma banda de gente crescida, sobretudo graças às composições e arranjos meticulosamente trabalhados pelo homem que lidera o septeto, Ben Rosenblum, que se desdobrou entre o piano e o acordeão de forma exemplar.

Como explicou o *bandleader*, o termo “nébula” é para aqui chamado como forma de justificar a vasta concentração de ideias musicais que este vai buscar para os temas que assina. Começaram com o pitoresco “The Village Steps” (inspirado em Paris), foram até ao Brasil de Tom Jobim com um *cover* em forró de “Song of the Sabia”, e percorreram ainda tradições da Jamaica, Irlanda, do Oeste Africano ou dos Balcãs. Talvez por se tratar de uma receita extremamente complexa, tudo aqui é muito mais pensado, não há tanta margem surfar a onda de forma livre como tinha acontecido no espectáculo anterior, mas é esta a maneira encontrada pelos artistas em palco para que a beleza das faixas contidas em **A Thousand Pebbles** (2023) esteja bem vincada na performance. Todos eles têm pautas à frente e sabem precisamente como e quando têm de tocar os seus instrumentos.

Foram cerca de duas horas de actuação, nas quais, além de Rosenblum, participaram também Wayne Tucker (trompete), Rafael Rosa (guitarra), Jasper Dutz (saxofone, flauta e clarinete), Xavier Del Castillo (saxofone), Marty Jaffe (contrabaixo) e Ben Zweig (bateria). Ao microfone, Rosenblum não quis deixar de frisar o quão mágico é poder atravessar o oceano com os seus amigos para apresentar um projecto que ainda está a dar os seus primeiros passos e mostrou-se o quão encantado estava com a ilha Terceira, lembrando ainda um dos

seus professores na The Juilliard School, que já lhe tinha falado de uma boa experiência passada no AngraJazz.

Ganhar asas e extravasar.

AngraJazz'24 – Dia 4: aves do paraíso

Texto: [Gonçalo Oliveira](#)

Fotografia: Rui Caria

Publicado a: 07/10/2024



Não é todos os dias que um festival tem a oportunidade de assinalar 25 edições. Este é um dos eventos que dão um novo alento à ilha Terceira por alturas do arranque do Outono, e em 2024 a coisa ganhou a dimensão saudosista que leva a recordar tudo aquilo que se tem feito desde a estreia do certame em 1999. Uma breve vista de olhos pelos vários cartazes dá para perceber a importância do [AngraJazz](#) no circuito do jazz nacional, que conseguiu trazer até aos Açores nomes como John Scofield, Dave Holland, Herbie Hancock, William Parker, Cécile McLorin Salvant, Gregory Porter, Immanuel Wilkins ou Samara Joy. “Asas servem para voar”, dizia-nos a canção dos GNR, e o AngraJazz tem sido uma autêntica ave exótica capaz de levar as tonalidades mais tradicionais do azul até bom porto, próximas das gentes desse paraíso que é a ilha açoriana.

Quem também ganhou asas para levantar voo foram os músicos que se apresentaram no derradeiro dia desta grande celebração do jazz. Os primeiros foram [Ricardo Toscano](#), o seu

quarteto e um adicional *ensemble* de sopros e cordas que os acompanharam para uma prestação especial. Ganharam asas, primeiro porque este era um sonho antigo do saxofonista português, conforme nos revelou em cima do palco, depois porque, afinal de contas, estamos a falar de um repertório imortalizado por Charlie Parker, também conhecido como “Bird”, um músico lendário que quis cruzar a linguagem livre do jazz com a beleza dos arranjos da música clássica em ***Charlie Parker With Strings***. Depois da **estreia deste formato** no ano passado, no âmbito do 30º aniversário da Culturgest, a ideia voou até aos Açores para se voltar a materializar no AngraJazz.

É praticamente impossível escutar os sopros de Toscano sem se notarem os traços daquele que foi um dos grandes mestres do saxofone. É uma opinião unânime que pudemos comprovar logo no primeiro dia do festival, quando, de madrugada, o apanhámos numa *jam session* em que participou também Domo Branch, o baterista que **acompanhou Catherine Russell**. No final da desbunda, numa breve troca de impressões com o norte-americano, este notava também que o calibre do português é equiparável àquele que Parker exibía, e rapidamente reagiu com um “faz todo o sentido” quando lhe contámos que a prestação de Toscano no AngraJazz seria precisamente em torno de repertório imortalizado pelo lendário saxofonista.

No paraíso que é o arquipélago dos Açores, Ricardo Toscano foi um pássaro gracioso que sobrevoou a camada de nuvens formada pelos sons de **João Pedro Coelho** (piano), **Romeu Tristão** (contrabaixo), **João Pereira** (bateria), Elena Kharambura (violino), Ana Cristina Pinto (violino), Victor Falcão (violino), Gabriel Pereira (violino), Laura Meneses (violino), Ostap Kharambura (viola), José João Silva (viola), Orest Grytsyuk (violoncelo), Svitlana Pustovhar (violoncelo), Tiago Gaspar Marques (oboé) e Edgar Marques (trompa), num fusão entre o Ricardo Toscano Quarteto e o Ensemble AH, aqui com a direcção do maestro **Pedro Moreira**.

Entre acelerados bateres de asas e outros mais vagarosos, o alado saxofone do músico português percorreu muitos dos *standards* que se encontram encapsulados no clássico disco gravado entre 1949 e 1950, replicando na perfeição a subtilidade de Bird no precioso instrumento de latão, indo de “Just Friends” a “Summertime”, esta última a peça mais icónica do alinhamento de *Charlie Parker With Strings* que, obviamente, colocou grande parte do público a acompanhar em murmúrios melódiosos. Foi um momento bonito de se ver e escutar, bem como mais uma importante pedra colocada nos pilares da história do certame açoriano, que vê assim o seu percurso a coincidir, de alguma forma, com o do eterno Charlie Parker.

Para o derradeiro acto do AngraJazz'24, estava marcado o Ulysses Owens Jr's Generation Y. O baterista de Jacksonville, Florida, acabou, no entanto, por não poder comparecer, mas usou o seu estatuto de responsável pela Secção de Pequenos Grupos na prestigiada Juilliard School para curar ele próprio o conjunto de músicos que mais garantias davam para fazer a sua vez na ilha Terceira. O baterista **Charles Goold** foi o escolhido para liderar um quarteto

norte-americano onde couberam ainda Anthony Hervey (trompete), Tyler Bullock (piano) e Thomas Milovac (contrabaixo), ao qual se juntou ainda o renomado saxofonista italiano Francesco Cafiso. Como acto simbólico da participação naquele que foi o 25º AngraJazz, o grupo apresentou-se com o nome de AngraJazz Legacy Quintet, naquela que foi uma homenagem à bonita história que este evento tem criado no panorama jazz nacional. Diz-se que há males que vêm por bem, e foi precisamente esse o caso no último concerto desta edição do festival. Apesar de se tratarem todos eles de jovens instrumentistas, os músicos escolhidos por Ulysses Owens Jr impressionaram (e de que maneira) em palco. O baterismo de Charles Goold vai a todo o lado e os membros do seu corpo desdobram-se ao ponto de parecer que tem, para aí, mais um par de braços e pernas do que é suposto, indo ainda buscar referências às suas origens latinas. Anthony Hervey foi ultra-competente no trompete, exibindo fluidez nos fraseados e uma técnica bem apurada. Esperemos que não conduza um carro da mesma forma, mas ao volante do piano, Tyler Bullock vira para qualquer melodia e harmonia sem precisar de olhar para a estrada de teclas brancas e negras, como se as suas mãos tivesse vida própria — parecia muitas vezes um suricata, sempre de cabeça erguida a observar cada um dos colegas. Francesco Cafiso fez toda a justiça à beleza do saxofone que já tínhamos escutado naquela noite antes de si, mostrando uma total destreza no interligar de cada nota, também ele a fazer lembrar o harmonioso som de Bird. E o que dizer de Thomas Milovac? Foi das suas mãos que saíram os graves mais límpidos de todo o festival, num irrepreensível manuseio das cordas do contrabaixo, fosse a acompanhar os colegas ou nos seus arrojados solos.

Entre o bebop e o post-bop, o AngraJazz Legacy Quintet navegou por composições originais trazidas para o palco por quase todos os seus membros, passando ainda por um par de *covers*, ao longo de quase duas horas de concerto. Excluindo Francesco Cafiso desta equação — o italiano tem já larga obra editada em selos como, por exemplo, a Verve Records —, assistimos a um verdadeiro levantar voo de quatro músicos sobre os quais nenhum de nós tinha quaisquer referências — havia até, se calhar, mais reticências do que certezas quanto ao espectáculo de encerramento. Foi uma enorme boa surpresa para os presentes e mais um carimbo para a caderneta do AngraJazz, que daqui a uns anos, mal estes artistas comecem a dar cartas no circuito, se vai poder gabar de lhes ter dado palco numa altura em que ainda ninguém ouvia falar deles.

À 25ª edição, o festival açoriano só deixou bons indícios para o presumível largo percurso que ainda tem pela frente. O AngraJazz pode até nem estar a jogar num campeonato em que se discute a vanguarda sonora daquilo que o jazz oferece nos dias de hoje, mas o seu instinto curatorial para ir buscar os melhores e mais entusiasmantes nomes a operar nos domínios mais tradicionais do género é infalível. Em 2025, o certame já reservou as datas de 2, 3 e 4 de Outubro para regressar ao Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo. Venha daí mais uma nova aventura pela ilha Terceira.